maio/2023

Revista Verlidelas

edição nº 35

crônica:
Uma triste realidade brasileira

conto:
Pavor e mistério em um caminho escuro

entrevista:
Cícero Christófaro

VERLIDELAS

maio/2023 edição nº 35

Sumário

ENTREVISTA & POESIA ... 03
Cícero Christófaro

RESENHA ... 13
A Intangível Arte de Recontar a Própria Vida em Versos Livres (sobre livro de Neuza de Brito Carneiro)
Fabio Shiva

CONTO ... 15
Noite Sombria
Ana Paula Chicarelli

CRÔNICA ... 20
Joãozinho do Burrinho
Pedrina Castro

EXPEDIENTE:

Editor-chefe:
•Sergio Carmach

Editora assistente:
•Luzia Barbosa

Fotos dos autores:
•Arquivos pessoais

Revisão, diagramação e arte:
•Sergio Carmach

contato@verlidelas.com
www.verlidelas.com
www.facebook.com/verlidelas/

Verlidelas Editora
CNPJ 27.850.067/0001-71
Rio de Janeiro/RJ

EDITORIAL

A invasão da IA é um processo irreversível, começando a atingir (positiva ou negativamente) até quem se julgava imune à ação da máquina, como os profissionais ligados à arte, o que inclui a literatura. Afinal, criatividade seria algo exclusivo da mente humana... Bem, estamos iniciando uma era em que bons artistas podem aprimorar suas obras usando IA, mas na qual – com as mesmas ferramentas – *não escritores* têm a possibilidade de escrever livros, *não ilustradores* podem fazer lindas capas; e por aí vai. Testando "a" ChatGPT (em certos momentos eu gosto de vê-la como uma figura feminina, quando a chamo de Ia), pedi a ela que falasse das atrações desta edição da revista, abordando também a questão das IAs. Eis o resultado:

Caros leitores,
O mundo está em constante evolução e a literatura não é exceção. A inteligência artificial está ganhando força no meio literário, trazendo novas possibilidades para autores e leitores. Por meio da *inteligência artificial* (repetição), é possível criar histórias, personagens e até mesmo diálogos de maneira mais rápida e eficiente. Alguns autores já estão usando essa tecnologia para aprimorar suas habilidades de escrita e tornar seus livros mais envolventes e surpreendentes. (NE: Como dito mais acima, a IA também faz ilustrações. Usando o BlueWillow, uma ferramenta gratuita, mas ainda muito falha, fizemos duas para esta edição. Você consegue apontá-las? Está bem fácil descobrir. Também usamos inteligência artificial para melhorar a qualidade da foto da capa, originalmente granulada e sem resolução; e também para tirar a alta granulação da imagem na página 3)

Mas não é só na tecnologia que *encontramos* (este verbo no presente deixou a frase irreal) grandes histórias. Em uma entrevista exclusiva, conversamos com o arquiteto, paisagista e escritor Cícero Christófaro, que compartilha (conosco) sua vasta experiência e nos revela um pouco mais sobre sua obra e vida, desde os tempos de infância até os dias atuais. Uma verdadeira inspiração para todos nós.

Também trazemos uma resenha sensível feita pelo escritor e músico Fabio Shiva para o livro "Uma Cadeira de Balanço ao Pôr do Sol", *escrito* (repetição) por Neuza de Brito Carneiro. A obra nos leva a refletir sobre o tempo, a vida e a importância dos momentos mais simples que a vida nos proporciona. (NE: A máquina se inspirou sozinha para fazer essa última frase)

No conto de terror "Noite Sombria", *escrito* (repetição) por Ana Paula Chicarelli, uma mulher volta do trabalho por locais ermos e escuros, quando começa a sentir uma presença sinistra que a deixa aterrorizada. Ela não sabe quem ou o que a está seguindo. E é essa tensão psicológica que faz com que o conto seja tão perturbador e arrepiante. (NE: Esse parágrafo é uma coletânea de frases tiradas das muitas tentativas de Ia. Mas devo reconhecer que a falha foi minha, pois não dei maiores informações sobre o conto; e a máquina ficou tentando adivinhar a história)

Por fim, a crônica "Joãozinho do Burro", feita por Pedrina Castro, nos leva a conhecer a dura rotina de um menino de 10 anos que trabalha como cortador de cana. Uma história emocionante que *nos faz refletir* (repetição) sobre as desigualdades sociais em nosso país e a importância de garantir uma infância plena para todas as crianças. (NE: A máquina também se inspirou sozinha para fazer a última frase)

Esperamos que esta edição traga a vocês muita inspiração, *reflexão* (repetição) e entretenimento. Até a próxima *edição* (repetição)!

É isso! Aproveitem a leitura!
Sergio Carmach e Ia

entrevista

POR SERGIO CARMACH
& LUZIA BARBOSA

Arquiteto, paisagista e escritor, ele deixou sua marca em produções da Verlidelas. Além de ter contribuído como poeta nos dois volumes da "Cura Poética", ele também assinou a quarta capa do livro infantil "O Sítio da Vovó Gena", escrito por Jussara Fátima Liberal e ilustrado por Liliane Romanelli, e escreveu o prefácio do romance "Uma Cadeira de Balanço ao Pôr do Sol", de Neuza de Brito Carneiro. Na entrevista a seguir, ele compartilha conosco sua trajetória desde a infância em uma conversa agradável, interessante e permeada por poesia, mostrando ao leitor um pouco de sua riqueza criativa

Cícero CHRISTÓFARO

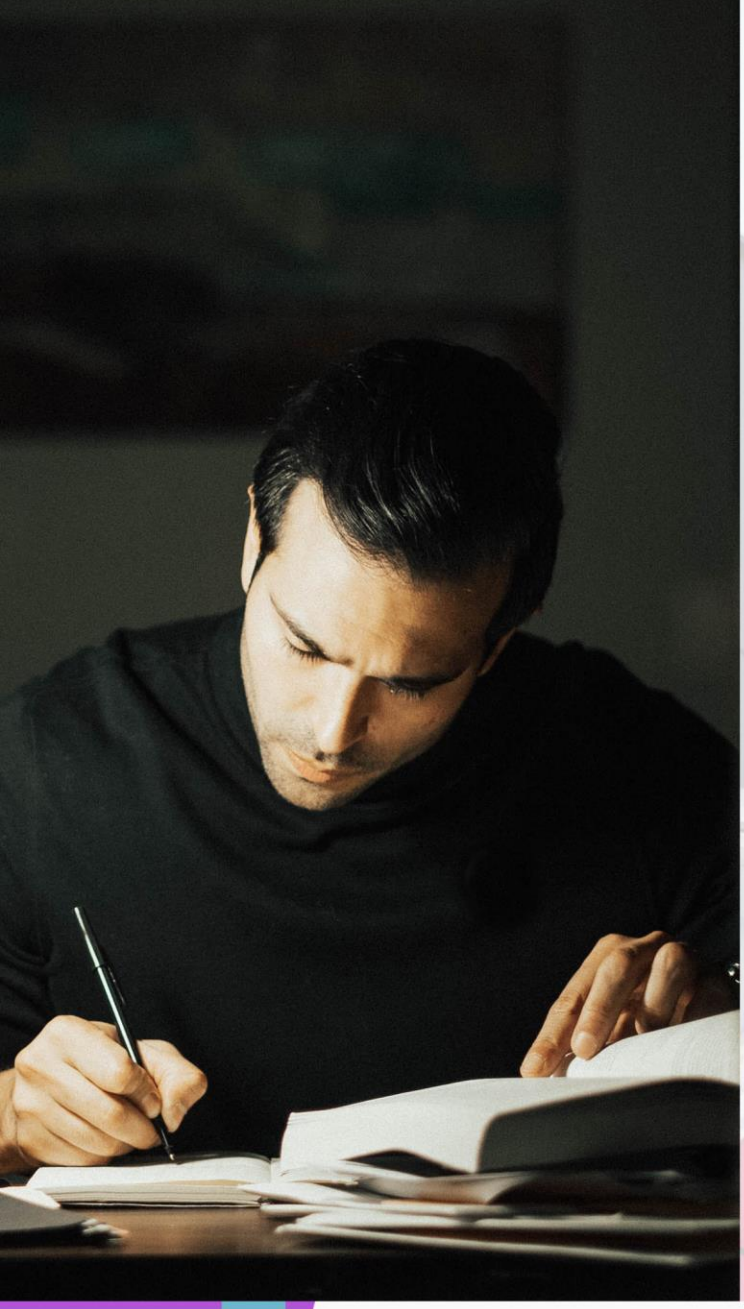
Eu não era um bom aluno. Era muito moleque e dizia algumas "mentirinhas" criativas. Mas essa característica me levava a elaborar boas 'composições' na escola

Fale um pouco de você.

Sou de origem italiana. Vindos para o Brasil no século XIX, meu pai, um alfaiate, e minha mãe, uma costureira, trabalhavam para a alta sociedade de Belo Horizonte. Conviver com o trabalho deles foi muito importante para desenvolver o meu senso estético, pois suas criações eram roupas muito bonitas, com cortes precisos baseados em modelos existentes ou mesmo inventados por eles, conforme os desejos e gostos dos clientes. Minha mãe, Efigênia Christófaro, tinha um *atelier* na nossa casa, enquanto meu pai, Dante Christófaro, possuía uma alfaiataria no centro da cidade. Eu passava muito tempo observando o trabalho deles, principalmente quando meu pai fazia os cortes nas mangas e colarinhos dos paletós, criando curvas muito bem-feitas numa tesourada. Eu também gostava de ficar na janela observando a paisagem e anotando as placas dos carros que passavam pelo sinal; e de caminhar pela cidade – muito agradável, arborizada e repleta de *Ficus pumilas* – especialmente na Avenida Afonso Pena, que era a mais significativa comercialmente e ligava as regiões norte e sul. Esse período se deu entre 1950 e 1955.

Efigênia – semianalfabeta, mas artista e poeta – sempre exigiu de mim, último de uma penca de nove filhos, uma leitura impecável dos versos escolhidos por ela, bem como conjugações verbais e concordâncias gramaticais perfeitas. Assim se passaram meus quatro primeiros anos de grupo escolar. Eu não era um bom aluno. Era muito moleque e dizia algumas "mentirinhas" criativas. Mas essa característica me levava a elaborar boas "composições" na escola, o que fazia D. Alba me passar de ano com nota sete. Na verdade, ela não queria me ver repetindo de ano, pois me amava muito. Hoje vejo que foi meu primeiro grande amor.

Em 1962, ao completar 20 anos, escrevi o meu primeiro conto, “Zé da Esquina”, muito elogiado no colégio pelo professor Agostinho. A partir desse momento, iniciei meus estudos para entrar na Escola de Arquitetura



Além de ser escritor, você também trabalha como arquiteto e paisagista. Às vezes também faz capas para livros. Conte-nos sobre sua imersão nessas e outras áreas.

No terceiro ano ginasial, comecei a ser um bom aluno, interessado em Português, Francês, Matemática, Física e Desenho, que me acompanham até hoje na arquitetura, paisagismo, estruturas ambientais urbanas, literatura, desenho artístico e, quando necessário, engenharia.

Meus primeiros vinte anos foram confusos. Pais separados e *la mamma* comandando nove filhos. Mesmo assim, nossa vida era muito rica em se falando de arte: pintura, desenho, literatura...; também havia um ator nato entre nós. A música erudita acontecia diariamente, sem chance para a popular, que só aos poucos foi criando espaços. O tango, um misto de erudito e popular, era maravilhosamente dançado na enorme sala de estar.

Em 1962, ao completar 20 anos, escrevi o meu primeiro conto, “Zé da Esquina”, muito elogiado no colégio pelo professor Agostinho. A partir desse momento, iniciei meus estudos para entrar na Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, decisão tomada aos 14 anos, quando conversava com meus irmãos sentado no chão da sala. Fazendo casinhas com toquinhos de madeira, comentávamos que a cidade estava ficando cheia de carros. Eu disse que podiam fazer edifícios-garagem. “O que você vai ser quando crescer?”, perguntaram. Eu disse: “Arquiteto”. Foram cinco anos de muita luta até me formar em 1969.

Em 1982, resolvi dar uma parada para tentar entender quem era Cícero Christófaro, um homem com quarenta anos e quatro filhos artistas – uma bailarina, uma arquiteta e dois músicos. Essa parada significou oito meses de análise, oito horas por semana. Um trabalho pesado para Iris Goulart, que me incentivou a mergulhar na literatura, no teatro e na música.

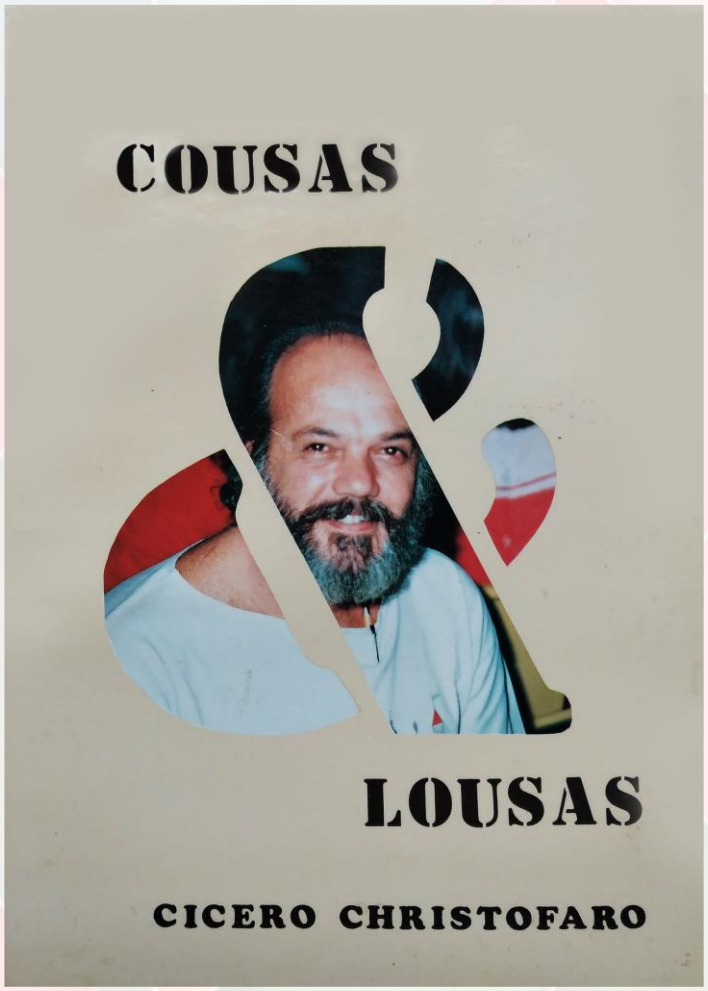
Em outubro de 1984, publiquei meu primeiro livro, "Pincel Branco". Aurora, uma colega de trabalho, tinha sonhado que eu estava diante de uma prancheta pintando uma paisagem, onde o branco dominava. Homenageei Aurora com o título do livro, com um poema e com uma música. Iris fez a apresentação da obra com um texto intitulado "Como Nasce um Poeta", sendo também homenageada com um poema. Nesse livro está escrito o que sempre pensei do poeta: "Todos somos poetas. Alguns, por opção e fé, contam essa poesia." Em 1986, publiquei "Cousas & Lousas", fazendo a capa e a quarta capa. O livro contém contos, crônicas, poesias e pensamentos.

Você criou uma forma especial de fazer as dedicatórias em seus livros. Como surgiu esse método?

Em "Cousas & Lousas" iniciei minhas dedicatórias personalizadas. Uma amiga, ex-freira, ao receber o livro disse-me com uma cara bem safada: "Quero uma dedicatória maravilhosa." Eu escrevi para ela:

MADRE DE DIOS
por detrás de um manto
há um santo
de uma santa
talvez nem tanto
numa horta de freira
um nabo
por detrás disso tudo
o diabo

Percebi que as dedicatórias precisariam ir além de um simples "Para o amigo, um abraço." Passei a solicitar que a pessoa abra o livro numa página; olhando para a fisionomia dela e para o assunto, improviso um texto que marque o momento. Se possível, peço para a pessoa ler, o que faz surgir um sentimento muito especial, pois ela se sente parte do livro.



NOVAS CORES

azul
mero instrumento do poder
do não querer outras cores
azul
fundo azul
prato azul
foda-se o amarelo
não quero o azul!
mas ele é o instrumento do poder
e se o azul desmaiar
desvincular do branco os tons púrpuras
desazulando-se e perdendo-se na mediocridade
[de uma cor qualquer
que seria do amarelo?
não sei!
talvez o amarelo reinasse
quem sabe sairia o sol?
sol! amarelo!
foda-se o azul!
foda-se a mediocridade!
quem disse que a mediocridade é o fundamento
[de uma profusão de cores?
mediocridade fundamenta-se na mediocridade
fodam-se as cores!
foda-se o púrpura!
foda-se o amarelo!
foda-se o vermelho!
branco?
foda-se também pelo que é insípido!
fodam-se os fundamentos!
foda-se a mediocridade!
amarelo é o PODER!

Como é o seu processo de composição e como surgiu o livro "Tiros de Arcabuz"?

A partir de 1986, retomei minha carreira na arquitetura e em 1991 fundei uma empresa de projetos e execução de obras, pois minhas filhas e filhos precisavam estudar e minha contribuição financeira era necessária. Trabalhei para a Universidade Católica de Minas Gerais projetando edifícios, o museu e auditórios, mas sempre carregando dentro de mim a paixão por contos, poesia, música e desenho. Em 2001, senti a necessidade de uma nova pausa em minha vida e decidi voltar à atividade literária. Foi nesse momento que escrevi o poema "Novas Cores", no qual "joga-se tudo para o alto" para se viver a própria vida. O meu trabalho artístico se reiniciou.

Tudo o que eu lia continuava a se acumular dentro de mim, deixando-me com uma forte necessidade de expressão; e eu precisava improvisar com felicidade. Num belo dia vi um caminhão, no qual estava escrito "Rival – o inimigo do fogo". Parei o carro e escrevi este poema:

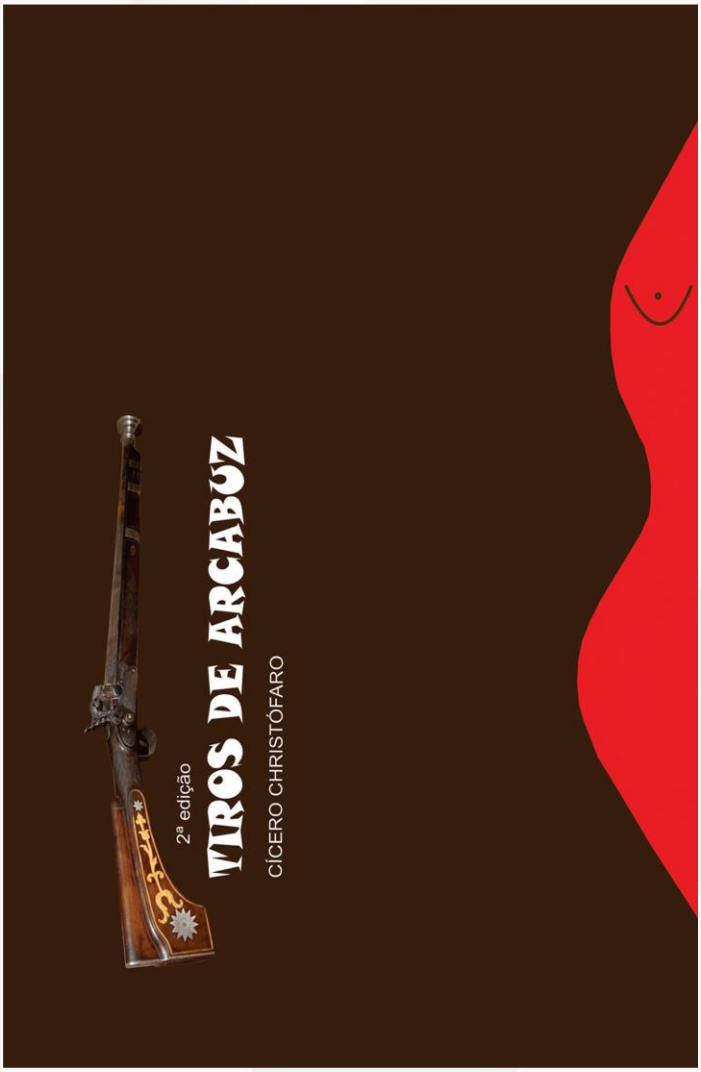
RIVAL é aquele que beijou,
beija, beijará ou beijaria minha
ex, atual ou futura amada

matá-lo-ei com tiros de arcabuz
comerei seu fígado com cuscuz
vendo seus restos mortais serem
[devorados pelos urubus
ao lado da minha ex, atual ou futura amada

VENDETA!

Pouco tempo se passou e encontrei meu amigo Everaldo Crispim, médico otorrinolaringologista e escritor. Ele me perguntou: "E aí, cara, não escreve mais?" Eu respondi: "Sim, mas é tanta besteira." Ele falou: "E qual seria a besteira?" Recitei o poema "Rival" e ele gostou, me convidando para participar da Oficina de Literatura de Dagmar Braga. Foram quatro anos de trabalhos literários e encontros produtivos. A coletânea "Oficina da Palavra" foi publicada, na qual participei com quatro contos: "Doutor Evandro", "Fim de Tarde", "Vô Niquim" e "Além do Olhar".

Após dois anos de um novo trabalho terapêutico (mais leve, é verdade), a psicanalista Eliana me perguntou: "E aí, não vai publicar um livro?" Respondi a ela que eu escrevia tudo pela metade. "Publique as metades", ela disse. Decidi pela publicação. O nome "Tiros de Arcabuz", uma arma portuguesa que esparrama chumbinhos para todos os lados, surgiu naturalmente. É como me entendo na arte: esparramo contos, poesias, músicas, desenhos... Assim, em 2013 publiquei o livro. A capa e a quarta capa foram feitas por mim e Raquel Christófaro. O meu retrato na orelha é um desenho de Júlio César Laje, arquiteto e artista. E segui escrevendo contos e poesias e trabalhando com arquitetura, paisagismo e engenharia.



SILÊNCIO

hoje eu me calo
e te amo!
mesmo que continues usando asas azuis
eu me calo e te amo!
mesmo que troques asas azuis por verdes
ainda penses que são azuis
imagines que elas mudarão de cor
ao te encontrares no infinito
voando junto a outros anjos
e a minha realidade não seja a mesma
hoje eu me calo
e te amo!
mesmo que vejas do teu infinito
meu silêncio
eu me calo e te amo!
mesmo que continues usando asas vermelhas
imaginando-as amarelas
continues pousada no galho da embaúba
sentindo-se sobre o do carvalho
correndo o risco de vir ao solo
sem que as asas que imaginavas amarelas
reluzentes e brilhantes
descolem do teu dorso
e permaneçam hirtas na minha realidade
e esvoaçantes na tua
eu me calo
simplesmente por estas asas amarelas serem tuas
eu te amar e crer neste amor

Fale de seus projetos.

A partir de 2008, passei a publicar em coletâneas, sendo que em 2012 iniciei minha participação no LGP – Livro de Graça na Praça, evento literário inaugurado em 2002 por um escritor e professor de Literatura da UFMG, José Mauro da Costa, e realizado na Praça Duque de Caxias, também conhecida como Praça de Santa Tereza, em Belo Horizonte. Os livros resultantes – cerca de três mil exemplares por ano, todos autografados pelos autores – são distribuídos gratuitamente. Em 2023, o LGP participa das comemorações do centenário de Fernando Sabino. A capa do livro será feita por mim.

No ano passado, aproveitando o lançamento em Salvador da antologia "Cura Poética 2", da qual participo, lancei também a segunda edição de "Tiros de Arcabuz".

A partir da Oficina de Literatura de Dagmar Braga, escrevi bastante, preparando alguns livros para publicação: "Os Animais Pararam de Falar – Agora Gritam (A História do Cachorrinho Chang)"; "O Patinho Feio, Feio de Fato"; "Não Pensando"; "Ontem, Hoje, Amanhã"; "O Lápis Cotoco e a Borracha Rubilota" (peça para teatro). Também planejo publicar livros de contos e poesias agrupando trabalhos realizados desde 1962.

Qual a sua opinião sobre o cenário cultural brasileiro da atualidade?

Somos um país muito jovem e extremamente rico. Temos apenas 523 anos de vida e um povo miscigenado. Mas o povo nativo, o indígena, sempre foi desconsiderado; e temos uma política que deprecia, a meu ver, o verdadeiro desenvolvimento cultural. Há de se ver também que nossas crianças estão cada vez mais ligadas ao celular, à internet e à inteligência artificial, o que as distanciam do verdadeiro *ser-criança*. Entretanto, existem diversos grupos trabalhando para que livros em papel sigam nas mãos de todos – crianças, jovens e adultos. Sou defensor dessa prática, acreditando que, assim, iremos aculturar o país.

Gostaria de mencionar alguns livros e autores que admira?

Desde jovem, cultivo o hábito da leitura; e tive a oportunidade de ler ótimos livros, que sem dúvida contribuíram bastante para o meu crescimento. Entre os estrangeiros, destaco: "Auto de Fé", de Elias Canetti; "Enterrem Meu Coração na Curva do Rio", de Dee Brown; "Memória de Minhas Putas Tristes", de Gabriel García Márquez; "Vaticano: O Assalto", de Mario Kuperman; "Canteiros de Saturno", de Ana Maria Machado; "O Corpo Fala", de Pierre Weil e Roland Tompakow. Falando de autores nacionais, cito Machado de Assis, Monteiro Lobato, Guimarães Rosa e Carlos Drummond de Andrade. Também acho importante ler os escritores atuais, assim como boas coletâneas. ■

em meio a meio à mentira
sonho e luto
sou espaço
entre a semente e o fruto

ARTE: WILL SANTOS

POD Letras

https://www.youtube.com/PodLetras

LIVES TODAS AS TERÇAS E QUINTAS
ÀS 20H NO YOUTUBE E NA TWITCH

Podletras

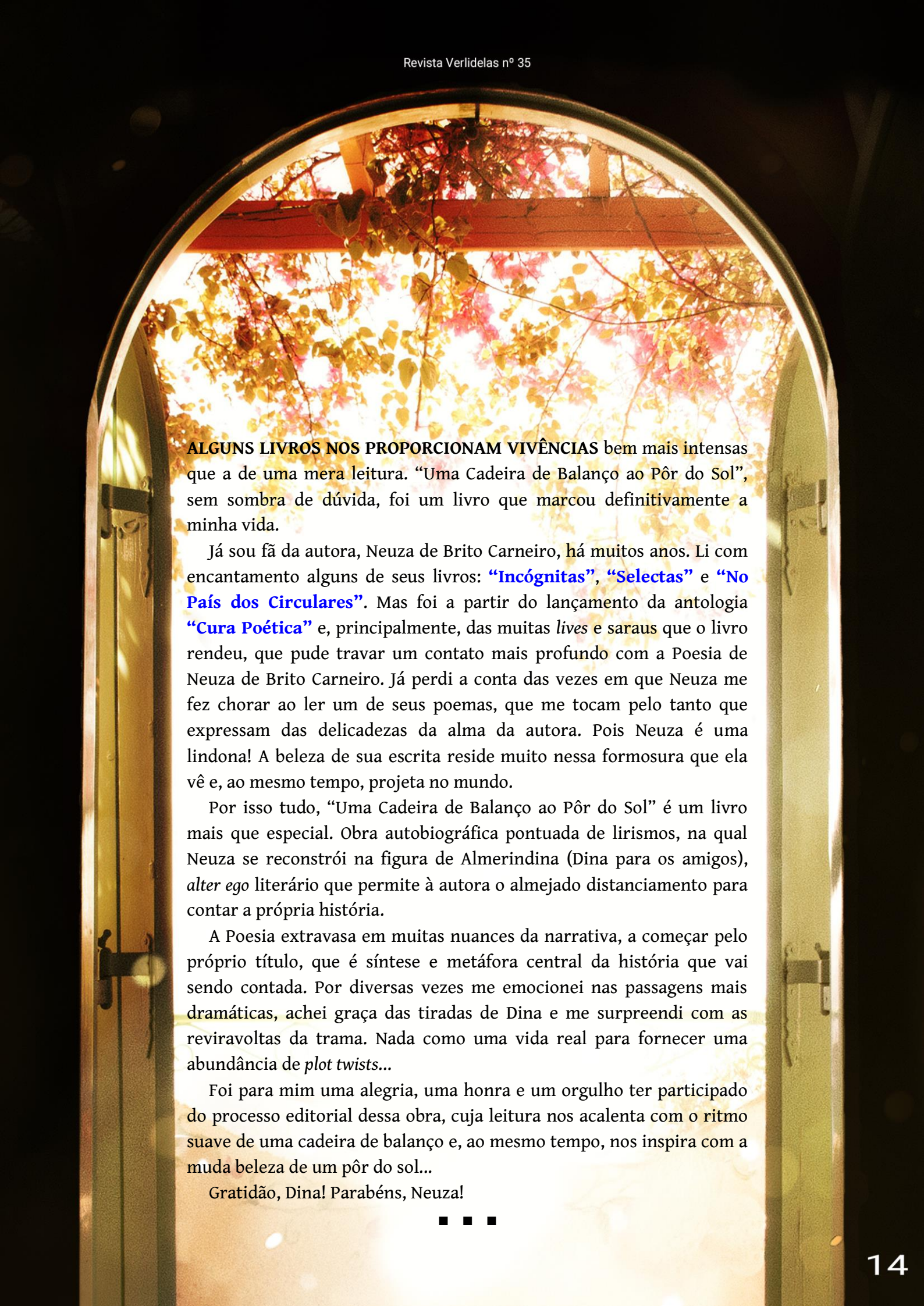
O PodLetras – canal formado pelos escritores César Costa, Marlos Quintanilha e Will Santos – é feito para pessoas que curtem arte, especialmente literatura. Cada programa apresenta um bate-papo descontraído com um convidado interessante, oferecendo uma experiência enriquecedora para o espectador.

A intangível arte de recontar a própria vida em versos livres

resenha
POR FABIO SHIVA

Nascida em Feira de Santana (BA) no dia 18 de setembro de 1944, Neuza de Brito Carneiro escreve desde criança. Lançou seu primeiro livro em 1987, mas foi só a partir de 2013, ano de sua aposentadoria como professora, que passou a publicar com regularidade. Até o momento lançou sete, além de integrar quase setenta antologias nacionais e internacionais. Tem graduação em Letras, História e Teologia, uma especialização em Educação, Ciência e Contemporaneidade e um mestrado em Teologia.
É membro, entre outras, das seguintes entidades: Academia de Letras e Artes de Feira de Santana (ALAFS); Academia de Letras, Música e Artes de Salvador (ALMAS); Instituto Histórico e Geográfico de Feira de Santana (IHGFS); Instituto Baiano-Feirense Sales Barbosa (IBFSB); Academia Brasileira de Artes Integradas (ABAI); União Baiana de Escritores (UBESC)

FABIO SHIVA
Músico, escritor e produtor cultural. Autor dos livros "O Sincronicídio", "Favela Gótica", "Diário de um Imago" e "Meditação para Crianças", dentre outros. Coautor e roteirista de "ANUNNAKI – Mensageiros do Vento"



ALGUNS LIVROS NOS PROPORCIONAM VIVÊNCIAS bem mais intensas que a de uma mera leitura. "Uma Cadeira de Balanço ao Pôr do Sol", sem sombra de dúvida, foi um livro que marcou definitivamente a minha vida.

Já sou fã da autora, Neuza de Brito Carneiro, há muitos anos. Li com encantamento alguns de seus livros: **"Incógnitas"**, **"Selectas"** e **"No País dos Circulares"**. Mas foi a partir do lançamento da antologia **"Cura Poética"** e, principalmente, das muitas *lives* e saraus que o livro rendeu, que pude travar um contato mais profundo com a Poesia de Neuza de Brito Carneiro. Já perdi a conta das vezes em que Neuza me fez chorar ao ler um de seus poemas, que me tocam pelo tanto que expressam das delicadezas da alma da autora. Pois Neuza é uma lindona! A beleza de sua escrita reside muito nessa formosura que ela vê e, ao mesmo tempo, projeta no mundo.

Por isso tudo, "Uma Cadeira de Balanço ao Pôr do Sol" é um livro mais que especial. Obra autobiográfica pontuada de lirismos, na qual Neuza se reconstrói na figura de Almerindina (Dina para os amigos), *alter ego* literário que permite à autora o almejado distanciamento para contar a própria história.

A Poesia extravasa em muitas nuances da narrativa, a começar pelo próprio título, que é síntese e metáfora central da história que vai sendo contada. Por diversas vezes me emocionei nas passagens mais dramáticas, achei graça das tiradas de Dina e me surpreendi com as reviravoltas da trama. Nada como uma vida real para fornecer uma abundância de *plot twists*...

Foi para mim uma alegria, uma honra e um orgulho ter participado do processo editorial dessa obra, cuja leitura nos acalenta com o ritmo suave de uma cadeira de balanço e, ao mesmo tempo, nos inspira com a muda beleza de um pôr do sol...

Gratidão, Dina! Parabéns, Neuza!

■ ■ ■

Conto

NOITE SOMBRIA

ana paula chiocarelli

AQUELE ÔNIBUS VERDE CHEIRAVA A MIJO e nicotina. Não dava para entender por que o preço da passagem subia todo ano se nunca havia janelas fáceis de abrir, ar-condicionado ou qualquer detalhe positivo na qualidade do transporte. Monique chacoalhava como se estivesse dentro de um liquidificador ou montada num touro. Existiam muitas lombadas no caminho. Por causa das ruas estreitas, os galhos das árvores batiam nos vidros. O assento duro e desconfortável deixava seu quadril amassado. Mesmo naquela velocidade, seria quase impossível chegar antes das onze. E a mãe só dormia ao vê-la abrir a porta.

O cobrador não tirava os olhos dela. Será que ele encarava todas as passageiras daquele modo irritante? Preferiu ignorá-lo. Caso seus olhares se cruzassem acidentalmente, talvez o sujeito pensasse que sua paquera ridícula fora correspondida. "Homens são todos iguais", concluiu.

O veículo finalmente entrou em seu bairro. Preparando-se para descer, Monique levantou aos trancos e barrancos, pôs a bolsa no ombro e ajeitou a franja. A noite estava pálida, sem estrelas e com lua encoberta. Silêncio total nos arredores da pequena praça. Ela começou a andar marchando como um soldado, disposta a sair dali o quanto antes. Pelo menos a chuva diminuíra e ainda havia dois botecos abertos, embora os frequentadores fossem tão esquisitos quanto qualquer trombadinha. Mas pra que pensar a respeito? Naquele instante, seu maior desejo era comer alguma coisa, deitar embaixo dos lençóis e imaginar-se num castelo francês medieval.

Durante a caminhada, veio uma nítida sensação de estar sendo seguida. Uma sensação bastante desagradável, especialmente para uma mulher naquele horário. Nem era a primeira ocasião em que tinha tal pressentimento, mas dessa vez ele surgira com força redobrada. Maldita falta de sorte. Se o ônibus não demorasse tanto, tudo seria melhor, ela chegaria mais cedo, sua mãe não ficaria tão aflita...

Muita gente de seu convívio já estivera em situações parecidas. Passou a imaginar desfechos "previsíveis": arma na cabeça e pedaços de cérebro voando...

– Droga! – cochichou apreensiva. O nervosismo cresceu pouco a pouco, até Monique não conseguir disfarçá-lo mais. Ser mulher é isso. Viver em sinal de alerta. "Alguém está me seguindo? Será um assaltante?"

Conforme os pensamentos nebulosos prevaleciam, o barulho dos passos aumentava atrás dela numa distância curta. Gotas de suor escorriam por sua testa. Com a mão direita, apertou a alça da bolsa tentando conter a insegurança. Passara anos evitando

saias e decotes por odiar cantadas nojentas. Agora o medo transferia-se para uma instância mais íntima. “Que não seja um estuprador.”

Havia poucos dias, Monique assistira a uma daquelas reportagens arrepiantes, na qual o jornalista fazia o maior alarde para contar tim-tim por tim-tim os piores casos de estupro. Nos últimos anos, dobrara consideravelmente a onda de ataques. Para quem morava em locais perigosos, toda prevenção era pouca. Se a infeliz estivesse voltando do trabalho tarde da noite desacompanhada ou sem um *spray* de pimenta na bolsa, virava alvo fácil. Situações de vulnerabilidade favorecem quem tem más intenções. Devia ter praticado judô ou caratê. Assim, quando um tarado ousasse chegar perto... Ah, por que não definiu isso com antecedência?

“Que não seja um estuprador.”

Mesmo sem querer, lembrou-se da adolescente carioca que sofreu estupro coletivo numa comunidade do Rio de Janeiro. Aquele crime hediondo, além de chocar o país, provocou muita briga nas redes sociais. De um lado, várias pessoas se mostravam solidárias com a vítima e até fizeram campanhas contra a cultura do estupro. De outro, internautas diziam que a menina era só uma pistoleira drogada, frequentadora de bailes *funk*. Duas narrativas opostas. Mas o fato é que trinta homens abusaram sexualmente dela.

Tentando controlar a preocupação, Monique desceu a ladeira e dobrou a esquina em direção à Rua Eugênio Egas. Lembrou-se do *serial killer* Francisco de Assis Pereira, o Maníaco do Parque, ser abominável que se passava por caça-talentos e levava garotas ingênuas para um matagal com o pretexto de fotografá-las e torná-las famosas. Realmente a fama aconteceu, mas por motivos tenebrosos. Depois da violência sexual, dando asas à sua covardia, Francisco praticava atos de canibalismo. Eram tantas maldades e atrocidades, que Monique se perguntava: “Como é possível certas pessoas virem ao mundo só pra causar sofrimento?”

Sentindo a respiração acelerar e o coração falhar algumas batidas, pensou em olhar para trás. Porém, faltava-lhe coragem. Com toda certeza, alguém seguia seus passos. Cada minuto triplicava sua angústia, cada poste com luz apagada representava uma nova mensagem de perigo. Ela sabia que aquilo não era paranoia, pois escutava perfeitamente bem. O pânico já havia se tornado real e profundo. Mais fácil esquecer o trauma de um assalto...

“Que não seja um estuprador.”

Se ao menos a pessoa tossisse ou espirrasse, daria para deduzir se era homem ou mulher. Não, não era uma mulher. Voltando do trabalho a essa hora, elas costumam usar salto alto, que fazem um som inconfundível.

"Que não seja um estuprador."

Mas talvez a sorte estivesse ao seu lado. Talvez fosse, sim, outra mulher. Por que não? E se ela preferisse usar tênis ou sapatilha? Pensando bem, seria até improvável que alguém abrisse mão de um tênis numa época chuvosa. Fala sério!

Apesar do esforço para afastar os pensamentos negativos, havia dentro dela um mau presságio, como se uma voz sussurrasse o tempo todo: "Caminhe mais depressa, Monique." A essa altura do campeonato, ela já estava quase correndo.

De repente, Monique quase infartou. Ouviu, em alto e bom som, um latido ameaçador. Ao se virar, deparou-se com o fim do mistério. O cachorro a seguira durante os quinze minutos de caminhada. Um *pit bull* marrom todo musculoso com dentes pontiagudos e olhos demoníacos. Vendo a raiva estampada nele, a moça ficou sem ar e deu três passos para trás. Agora não havia mais razões para temer um estupro. Não... O destino reservara-lhe outro tipo de fatalidade. O monstro feroz avançou antes que ela pudesse se defender.

O cão abandonado e maltratado pela vida protagonizou uma cena bárbara. Ninguém apareceu para socorrer Monique, caída no chão. A primeira mordida na perna causou-lhe desespero, só conseguiu gritar. A segunda fez os gritos virarem choro. Na terceira, o sangue jorrou com mais intensidade. Ela já sabia que iria morrer. Na quarta, Monique desejou nunca ter nascido. Na quinta, sua roupa começou a ser estraçalhada. Vieram a sexta, a sétima mordida...

Monique morreu com o rosto desfigurado, braços para um lado, pernas para o outro... Por fim, o animal deixou a braveza de lado e devorou-a com toda calma e tranquilidade. Na manhã seguinte, alguns bichos inofensivos, vendo o sangue no asfalto, lamberam o que restou.

■ ■ ■

Ana Paula Chicarelli
Nascida em 11 de maio de 1985, mora em São Paulo. Trabalha como vendedora, mas é apaixonada por literatura. Autora entusiasta, começou a escrever aos 27 anos, no final de 2012. Na Verlidelas, participou da coletânea "O Medo que Nos Envolve"

LIVE
Autoconhecimento
EM PROSA E VERSO

Apresentação:
@laircohim

TODA SEGUNDA-FEIRA
ÀS 20h30

Uma iniciativa da escritora e terapeuta Lair Cohim para compartilhar os assuntos do seu livro "Autoconhecimento - A Chave da Saúde".

Você aprenderá sobre Malhação Cerebral e dará um mergulho na espiritualidade e na ciência.

www.laircohim.com.br

VERLIDELAS

João Zinho do Burrinho

crônica

Pedrina Castro

Formada em Pedagogia e pós-graduada em Administração Estratégica, sua relação com a escrita veio de forma espontânea, em decorrência da necessidade de expressar ideias. O vínculo ficou mais intenso quando passou a pesquisar sobre os poetas clássicos. Seus principais inspiradores são Baudelaire, Edgar Allan Poe, Augusto dos Anjos, Carlos Drummond de Andrade e Ferreira Gullar

O GALO CANTA ÀS CINCO E MEIA da manhã. Joãozinho acorda, lava o rosto, escova os dentes, desliza as mãos pelos cabelos, veste a camisa xadrez desbotada e as calças rasgadas, cor de burro quando foge. Toma um copo d'água, monta em seu burrinho e galopa rapidamente para chegar às sete no galpão onde trabalha.

Ao chegar, amarra o animal à cerca, pega o facão e o coloca na cintura, enrola as mãos com pedaços de um pano branco e põe o boné. Sem tomar café, pois em casa não tinha pó. Com rosto pálido, olhos negros e tristes, fisionomia cansada, cabelos encaracolados e em desalinho, chega ao canavial e começa a sua lida junto a outras crianças.

Já passa das onze, o sol está escaldante, o suor escorrendo, as mãos sanguinolentas, o rosto sujo de carvão, os braços cansados, mas ele não pode parar. O ganho é por produtividade e seus irmãos têm fome, pois na família de seis pessoas só ele trabalha.

Meio-dia, hora do intervalo para o almoço. Ele pega a sua gamela fria – arroz e ovo frito – e bebe um copo de água quente, já que o galão fica exposto ao sol. Após trinta minutos, troca os panos das mãos sanguinolentas, limpa o rosto e, um pouco mais lento, volta para o corte da cana.

Às quatro da tarde, retorna para casa cansado, devagar, sofrido e, com as mãos machucadas, joga-se na tarimba e dorme. Dorme pesado!

Joãozinho não frequenta escola, não brinca e não faz parte da sociedade. Joãozinho não é cidadão, não tem registro de nascimento. Joãozinho não brinca de pique-esconde, amarelinha, chicotinho-queimado, pera, uva ou maçã? nem bola de gude. Ele não sabe o que é carinho de mãe, ele não tem tempo para beijos e abraços. Joãozinho não sabe ler nem escrever. Joãozinho não sabe onde fica a escola. Joãozinho não tem TV. Não tem livros e não tem sapatos.

Joãozinho tem facão, tem mãos calejadas, tem camisa desbotada, tem calças rasgadas, tem cansaço, tem emprego pesado no corte da cana, tem rosto sujo de carvão, tem água quente para beber, tem meio salário mínimo mensal, tem fome e tem dez anos de idade.

■ ■ ■